

Farmácias: Bastonário apela ao Governo para que encare o problema “de uma vez por todas”

Coimbra, Portugal 25/09/2012 20:39 (LUSA)

Coimbra, 25 set (Lusa) - O bastonário da Ordem dos Farmacêuticos, Carlos Maurício Barbosa, apelou hoje ao Ministério da Saúde para que, "de uma vez por todas", encare a falência das farmácias como um problema para o país.

Em declarações à agência Lusa, em Coimbra, onde hoje se iniciaram as comemorações nacionais do Dia do Farmacêutico, o responsável disse que os indicadores apontam para que encerrem 600 farmácias em 2013, por falta de viabilidade económica.

"É preciso que, de uma vez por todas, o Ministério da Saúde encare isto como um problema, e tem-se recusado a considerar que isto é um problema. Desde logo é um problema para os portugueses, para os doentes, para os cidadãos", sustentou.

Carlos Maurício Barbosa frisou que, com a reorganização da rede de cuidados de saúde, houve localidades onde encerraram centros e postos de saúde, e apenas se manteve a farmácia privada e o farmacêutico a prestar cuidados farmacêuticos às populações.

"É um assunto muito sério e eu tenho inclusivamente dúvidas se o poder político está a dar a devida atenção a este assunto", sustentou, acrescentando que aproveitará a esperada deslocação do Ministro da Saúde a Coimbra na quarta-feira para lhe vincar esta posição.

Na sua perspetiva, "desde logo há que parar esta espiral deflacionista dos preços dos medicamentos em ambulatório, com efeitos verdadeiramente destrutivos" dos operadores e do setor.

O bastonário da Ordem dos Farmacêuticos diz que os preços dos genéricos não podem estar a variar mensalmente, e que só devem entrar para a definição do preço aqueles que têm uma quota mínima de mercado de cinco por cento.

"Depois é preciso estabelecer regras para a definição dos preços. Tem de ser anual, não pode ser mais do que isso. Tem de haver uma relativa estabilidade nos preços. Deve haver concorrência, mas uma concorrência sã, que não seja uma concorrência em que os mais capitalizados tendem a atirar fora aqueles que são mais fracos e menos capitalizados", acentuou.

Realçou que, em dois anos, houve um abaixamento de 56 por cento no preço dos medicamentos genéricos, enquanto que, nos de marca, a redução foi de apenas seis por cento.

"Não há equidade nestes dois setores. O Ministério da Saúde tem de encontrar oportunidades de poupança, mas não pode ser nunca através do aniquilamento de um setor", declarou.

Para Carlos Maurício Barbosa, o Ministério da Saúde "deve olhar para a farmácia e compreender e valorizar o serviço que praticam", avançando também para a revisão da legislação da sua remuneração.

"Estão a prestar um serviço público, que o Estado não o presta. São uma rede de farmácias privadas. Antigamente esse serviço era prestado pelas margens dos medicamentos. Hoje essa mesma lógica deixa de poder ser aplicada", explicou.

O bastonário recordou que este é um setor onde trabalham nove mil farmacêuticos, profissionais altamente qualificados, com remunerações mais elevadas, e não é defensável para Portugal "uma farmácia de balconistas", com baixas remunerações, e sem capacidade de prestar "uma assistência de valor aos portugueses".

FF.

Lusa/Fim.